

PIDJIGUITI, O CAIS DO DESASSOSSEGO.

▪ Periquito vai para o mato.

O frio ficou definitivamente para trás. E com ele, para trás ficou qualquer ligação ao pedaço de terra firme deixada há cinco dias. Agora, apenas a água do Atlântico unia os dois portos. A mesma que há 500 anos permitiu que outros soldados seguissem o mesmo percurso e com o mesmo propósito.

O Golfo chegou ao Niassa e com ele trouxe o calor, os cheiros...e os mosquitos! Cheiros exóticos, quentes e húmidos, como se saíssem de dentro duma panela de pressão e lhe tivessem adicionado alguma essência, que não sabiam identificar, apesar de conhecida à 500 anos.

- Estranho - diz António - há cinco séculos que andamos cá e lá e não fazemos a mínima ideia do que isto é. Este cheiro quente e doce, esta pele suada, pegajosa e fria ao tacto com as costas da mão, este ar que parece trazer sal refinado e nos queima e dificulta o respirar ofegante e áspero, apesar de estarmos quietos! Realmente, isto não é nosso! Nunca foi nosso! Isto é dos *éroi*s com fotografia na parede da escola. Dos que não deram novos mundos ao mundo, porque nunca saíram do velho. *Para angola e em força!* - disse o *éroi*... e ficou-se por cá!... por causa dos mosquitos, que chateiam como o caracas!... E por causa da Anófeles, essa fêmea da moléstia, que pica aqui, pica acolá, e que transporta e transmite o paludismo, coisa nova e desconhecida para os viajantes, e que haveriam de ouvir falar e incubar, alguns dias depois e nos meses seguintes!

- Se tivessem espreitado o buraco fedorento, pestilento e insuportável onde temos que dormir; espreitado o vômito balouçante a que chamavam refeitório, haveriam de perceber de imediato, que a guerra tinha prazo de validade muito curto!... e o futuro, já era! - disse Augusto - Nem sequer temos um repelente que afaste estes mosquitos que não conhecemos. Que picam por cima da farda e são os primeiros a quererem o nosso sangue!

Para António, Augusto e camaradas, a viagem estava no fim. Melhor dizendo, chegava ao fim a primeira etapa. Outra se seguiria, agora que a Brisa da Incerteza os trouxe até ao Cais de Chegada. António releu parte do poema escrito dois dias antes;

Será que esta viagem tem regresso.
Que o Cais de Chegada é de Partida.
Que as águas que navego e não conheço,
são águas conhecidas por viagem tida?

Primeiro de Abril, último dia de viagem. Será que estamos todos enganados? Pode ser que sim! - pensou António - mas a realidade é esta. A

que tenho à minha frente. É com esta realidade que tenho que aprender a lidar.

O Niassa estava parado no cais do PIDJIGUITI e as formalidades de desembarque estavam em marcha. Como em marcha, estava ainda o corpo de António. Parecia que não queria parar. Ainda sentia o som abafado dos potentes motores e a vibrações que se dissipavam por toda a estrutura metálica do navio, até terminarem nos tímpanos dos homens a bordo. Se me constroem com roído, é com roído que vos deixo, deveriam querer dizer os enormes motores que empurram o barco.

No Ben-Hur, o filme, o som era o do martelar cadenciado, acima e abaixo dos pesados martelos em madeira, empunhados pelo capataz-de-ritmo, Pum, ... pom, pum... pom, impondo com precisão matemática o ritmo e cadência da remada dos condenados às galeras, e do som estridente e cortante de estalar no ar o chicote e o som do impacto no lombo suado dos mais exaustos e o som do grito de esgar de dor do débil remador. Aqui, o martelar foi substituído pelas enormes vielas e pistões em movimento vertical, acima e abaixo e as remadas foram substituídas pelo movimento de rotação da hélice. Dois mil anos depois, o chicote permaneceu, agora em forma de porões e refeitórios mal cheirosos e pestilentos.

- *Sacrifício uma porra* – disse um camarada alentejano!

No cais do PIDJIGUITI, o movimento era o esperado em porto-de-mar com azáfama de desembarque e embarque; cordas para um lado, cordas para outro, caixotes disto a daquilo e gente. Muita gente. Pequena, vista de cima. Uns, vestidos de verde, outros, de pele negra em tronco nu e reluzente. Mas todos escuros, queimados pelo sol, suados e sorridentes. Todos, sorridentes! Riam, porque a chegada de um barco é sempre motivo de alegria. Negócios para uns, novidades para outros e regresso ao cais de partida para os mais felizes e ainda mais sorridentes!

- *Periquito¹ vai para o mato!* - foi a primeira frase que se ouviu...Periquito vai para o mato, o velhinho² vai para casa!

Sorte a vossa! Boa viagem! – desejaram os acabados de desembarcar!

¹ Periquito – tropas acabadas de chegar

² Velhinho – tropas em fim de comissão